

## **SOCIEDADE DE CONSUMO E PÓS MODERNIDADE: UMA LEITURA A PARTIR DE BAUMAN E PASOLINI**

### **THE SOCIETY OF CONSUMPTION AND POST MODERNITY: A LITERATURE STARTING FROM BAUMAN AND PASOLINI**

Mayara Pellenz<sup>1</sup>

Silvia Helena Arizio<sup>2</sup>

**RESUMO:** A proposta deste artigo consiste em analisar o modelo de sociedade de consumo que trouxe consigo uma falsa tolerância, permissividade e conformismo. No entanto, a crítica ao sistema capitalista sustentada na obra de Pier Paolo Pasolini, em 1960, na obra “Escritos Corsários, Cartas Luteranas – uma antologia”. No mesmo sentido, Bauman reflete sobre a sociedade de consumo na pós-modernidade, como fenômeno que regula as ações sociais, jurídicas, políticas e cotidianas, estabelecendo o sujeito como mercadoria e empreendendo as relações a partir do consumo. A partir disso, o artigo pretende sintetizar algumas ideias a respeito das práticas consumistas, correlacionando esta realidade com a liquidez que Bauman já advertiu, cenário que desvela uma precária percepção de vida boa, diante da instabilidade dos desejos que são frutos do modelo burguês, imediatista, mecânico, instrumental, pragmático e hedonista e de cunho essencialmente antropocêntrico. Para tanto, utilizar-se-á como critério metodológico o método indutivo e a pesquisa bibliográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pasolini; Consumismo; Hedonismo; Liquidez.

---

<sup>1</sup> Mestre em Direito, Democracia e Sustentabilidade pela Faculdade Meridional - IMED. Especialista em Direito Penal e Processo Penal pela Faculdade Meridional - IMED. Integrante do Grupo de Pesquisa Ética, Cidadania e Sustentabilidade - RS. Integrante do Grupo de Pesquisa Transnacionalismo e Circulação de Modelos Jurídicos – RS. Docente Titular do Curso de Direito da Faculdade UNISOCIESC em Blumenau (SC), nas disciplinas de Direito Ambiental, Filosofia Jurídica e Direito Penal. Docente da Pós-Graduação em Direito da Faculdade Avantis, Balneário Camboriú (SC). Autora de obras jurídicas e artigos científicos em periódicos de Direito, em âmbito nacional e internacional Advogada - OAB-RS 88.551. Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/4364613932101832>. E-mail [maypellenz@hotmail.com](mailto:maypellenz@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Direito, Democracia e Sustentabilidade pela Faculdade Meridional – IMED. Especialista em Processo Civil e Novos Direitos pela Universidade do Oeste de Santa Catarina-UNOESC. Integrante do Grupo de Pesquisa Ética, Cidadania e Sustentabilidade na mesma instituição- RS Integrante do Grupo de Pesquisa Transnacionalismo e Circulação de Modelos Jurídicos – RS. Docente do Curso de Direito UNISOCIESC - Blumenau/SC, nas disciplinas de Direito das Obrigações, Direito Empresarial, Fundamento do Direito Privado e Meios Alternativos de Solução de Conflitos – MASC. Docente da Pós-Graduação em Direito da Faculdade Avantis, Balneário Camboriú (SC). Autora de obras jurídicas e artigos científicos em periódicos de Direito, em âmbito nacional e internacional. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0270249244632821>. E-mail [silvia.arizio3@gmail.com](mailto:silvia.arizio3@gmail.com)

**ABSTRACT:** The proposal of this article is to analyze the model of consumer society, starting with it a false tolerance, permissiveness and conformism. However, the critique of the capitalist system based on the work of Pier Paolo Pasolini, in 1960, in the work "Corsican Writings, Lutheran Letters - an anthology". And from this, Bauman reflects on the consumer society in post modernity, as a phenomenon that regulates social, legal, political and everyday actions, establishing the subject as a commodity and undertaking relations from consumption. In this sense, the article intends to synthesize some ideas about consumerist practices, correlating this reality with the liquidity that Bauman has already warned, a scenario that reveals a precarious perception of a good life, given the instability of the desires that are the fruits of the bourgeois, instrumental, pragmatic and hedonistic, and essentially anthropocentric. For that, the methodological criterion will be the inductive method and the bibliographic research.

**KEYWORDS:** Pasolini; Consumism; Hedonism; Liquidity.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar a sociedade de consumo pós-moderna a partir das noções de “vida líquida” de Bauman e da crítica ao sistema capitalista que foi tema da obra de Pier Paolo Pasolini, em 1960. O ponto de partida desta pesquisa é a perspectiva de Pasolini aos valores sociais e ao modelo organizacional da sociedade italiana, por meio da obra “Escritos Corsários, Cartas Luteranas – uma antologia”, que consiste numa seleção de textos do autor, onde aborda-se o paradoxo do *corsarismo*. Dentre os escritos, destaca-se a denúncia de Pasolini ao modelo consumista que é estimulado na Itália neste período.

Numa breve introdução histórica, destaca-se que Pier Paolo Pasolini um cineasta italiano que esteve no centro de diversos debates. Nascido em 1922 e morto em 1975, sua genialidade transitava por temas como política, sociedade, economia e sexualismo. Filiado ao partido comunista, era homossexual, foi professor universitário, poeta, cineasta, roteirista, crítico literário, social e político. Sua vida interrompeu-se em virtude de um homicídio e seu legado é incontestável. O papel de Pasolini expressa um intelectual crente de que seu dever como artista e escritor era o subverter os modelos, padrões, ditames e representações dominantes e excludentes, explorando o “não-dito”, questionando – supostas - verdades e destacando pontos controversos dos consensos sociais e culturais, sem jamais ceder ao “conformismo dos progressistas”.

A influência de Pasolini no pensamento jurídico e social contemporâneo é constatada pois sua crítica alertou para a necessidade de reestruturação dos valores e

modelos hegemônicos, no tocante aos modelos consumeristas em massa. Sua *lexis* se constituía em uma espécie de resistência ao novo uniformizador, opressor, conformador das identidades e dos valores, cego ao brilho ofuscante da liga metálica que dá sentido ao mercado e impulsiona o consumismo. Vanguardista à época, seu pensamento pode ser desvelado no contexto social do momento presente. Em verdade, sua oposição a um mundo onde a modernidade se identifica com a barbárie, traduz a crise axiológica hoje vivenciada, que resulta numa condição de mal-estar e de insegurança, fruto de uma cultura consumista, baseada no modelo burguês, imediatista, mecânico, instrumental, pragmático e hedonista, de cunho essencialmente antropocêntrico.

No processo de alienação que é vertical, a mídia promove a dessacralização das diferenças culturais e a sacralização da cultura do capital, que, por sua vez, prega o consumismo e a transformação dos cidadãos em consumidores, impondo um estilo de vida que se choca, por exemplo, a sustentabilidade. A prática de padronizar despersonaliza ao impor um nivelamento totalitário. Cabe lembrar que o poder conjugado da mídia, da política e do mercado opera o que o nazi-fascismo fracassou em realizar, no afã de tornar a massa social acrítica, submissa, indiferente e padronizada.

A descrição e releitura contextual pasoliniana são de um realismo dilacerante, sem perder a sua essência, agora revestida num cenário pós-moderno. Atualmente, o aprofundamento dessa realidade continua ocorrendo e, como bem apontou Pasolini, a única forma de resistência e de tentativa de alteração desse cenário deve ser a partir da política, da *lexis* e das práxis, afirmando-se a singularidade e a concretização de valores ético-culturais tradicionais.

No mesmo sentido, Bauman critica a sociedade de consumo dos dias de hoje, como herança da Revolução Industrial, e a superficialidade das relações sociais, onde tudo é frágil e inconstante. O filósofo destaca que face à imprescindibilidade de uma nova ética, novos paradigmas devem ser sustentados, pois o modelo de desenvolvimento consumista e capitalista é um padrão mundial. O individualismo também faz parte deste movimento, o que torna as possibilidades de vida muito escassas e inconstantes, pois sustentadas no *self* e não na coletividade.

Nesse sentido, este artigo pretende sintetizar uma nova consciência de noção de vida boa e de consumismo como alternativa crítica à crise da modernidade, em consonância ao discurso de Pasolini. O estudo utiliza como critério metodológico para o

relato dos resultados apresentados, o método indutivo, assim como as técnicas de pesquisa bibliográfica<sup>3</sup> e da categoria<sup>4</sup>.

## **1 POR UMA REFUNDAÇÃO PASOLINIANA DE SENTIDO: A FALÁCIA DO FASCISMO CAPITALISTA-CONSUMISTA**

No atual estado deste mundo, no que tange à centralidade do capitalismo e da economia no mundo contemporâneo, a história demonstra que o paradigma consumerista transformou-se no modelo de vida perseguido pelos indivíduos, onde os bens materiais são consumidos, empilhados, conquistados, almejados, exibidos e tutelados numa forma inimaginada. Até mesmo a subjetividade tornou-se líquida, mercadoria, moeda de troca, mera efemeridade. A lógica do consumo, advinda da dinâmica capitalista, trouxe consigo uma falsa tolerância, permissividade e conformismo.

A economia, da forma como pensada, gerida e exercida atualmente, voltada para a acumulação de mais poder (hoje, simbolizado pelo dinheiro e pela sua consequência imediata, a influência, o prestígio e o *status*), banaliza a vida, coisifica o ser, retirando toda a sua humanidade quando o transforma em produto a também ser consumido, e, portanto, valorado. Na lógica desse consumo desenfreado, que tem sustentação pelo tripé “publicidade-crédito-obsolescência programada dos produtos”, o mundo fragmenta-se e estratifica-se nas vantagens econômicas e de qualidade de vida daqueles que estão no comando, em oposição a uma minoria politicamente suprimida e oprimida, que luta por igualdade e reconhecimento, ainda que não configure-se as mesmas oportunidades para alcançá-las.

As identidades culturais formadas a partir dessa dicotomia devem também ser pensadas como forma de discriminação e relevo das desigualdades, pois violações ao imaginário social coletivo são diretamente atingidas. Os desfavorecidos, então, à medida que idealiza as condições dos beneficiados, busca atingir o mesmo grau de desenvolvimento humano percorrendo o mesmo caminho traçado pela segunda, o que

---

<sup>3</sup> “(...) Técnica de investigação em livros, repertórios jurisprudenciais e coletâneas legais”. PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática**. 12. ed. Florianópolis: Conceito Editoria/Millennium, 2011, p. 207.

<sup>4</sup> “(...) palavra ou expressão estratégica à elaboração e/ou expressão de uma ideia” PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática**, op. cit., p.25.

gera um círculo vicioso, pois esse comportamento consolida o status e a posição de quem detém o poder, impedindo ou dificultando a revolução dos que lutam pela sobrevivência e resiste a ser consumida. O desenvolvimento e o crescimento econômicos configuram-se, assim, como conceitos etnocêntricos de exclusão, combinados com a violência da colonização e do imperialismo que atingem determinados grupos sociais.

Não por outro motivo que este cenário de incertezas é também fator estimulador ao crescimento desmesurado que hoje se apresenta, o que, na contramão do processo civilizatório, não enaltece o ser, mas o desconstrói, debilitando a sua saúde, física e mental, e tornando-o toxicodependente do consumo ilimitado de bens industrializados ou naturais. Numa perspectiva aristotélica, a felicidade como objetivo de vida é deturpada pelo ciclo vicioso do desenvolvimento econômico desenfreado, em detrimento do aprimoramento pessoal e na experimentação das virtudes humanas. O bem-estar concreto se dilui e se desfaz no “bem-ter” abstrato e impessoal, despreocupado do outro e voltado à máxima rentabilidade dos negócios pautados nos próprios interesses.

Em seus ensaios, Pasolini critica o desenvolvimento humano baseado numa ideologia de consumo absoluto e o vazio cultural gerado por uma dinâmica de segregação, que deslocava os jovens moradores das periferias urbanas de sua cultura própria, constituída de valores ajustados às suas reais condições de vida, mesmo que este mundo fosse constituído de pobreza e injustiça sociais. Pasolini, nos anos 1960, descreve a sociedade italiana onde o avanço tecnológico e industrial trazia em si aspectos especiais, às vezes inaceitáveis, em relação à realidade social e cultural existente.

A cultura hedonista e consumista difundiu-se com a máxima eficiência tecnológica, contaminando, assim, todas as camadas sociais, já que as culturas próprias e diferenciadas representavam formas de oposição à ideologia burguesa. Neste cenário, resistência era subversão e manifestação era contracultura. Ambas as categorias não eram estimuladas por representar uma situação desconfortável aos que detinham na época, o poder político italiano. Contudo, a nova era do consumo e da subcultura invadiu a periferia romana, removendo dali características culturais que lhe eram próprias. Essas transformações do mundo dos excluídos ganharam destaque na obra “Cartas Luteranas, Escritos Corsários”, na qual Pasolini contempla as novas tendências de consumo de comportamentos e de ações sociais num cenário de rupturas.

O vazio cultural, ensejado pelo consumismo que se firmou como modelo de vida, é tema que perpassa a obra de Pasolini, na sua crítica voraz ao modelo hedonista burguês,

comparando essa nova cultura consumista a uma nova forma de fascismo, ainda mais cruel e impiedoso do que aquele nazista, pois, segundo ele, o centro tradicional italiano conseguiu rapidamente destruir todas as culturas periféricas, às quais era assegurada uma vida própria, essencialmente livre, nas periferias mais pobres e miseráveis.

Não por outra razão que para Pasolini uma das maiores barbáries ocorrida na Itália se deve à construção de uma razão dominadora moldada aos interesses econômicos pela indústria cultural, alterando os costumes e as diferentes culturas italianas, para que estas se adequassem às determinações da classe dominante.

Causa perplexidade o fato de que Pasolini não queria escandalizar a burguesia consumista, pois sabia que esta já teria consumido até o escândalo. A sua provocação era dirigida aos intelectuais conformados e silenciosos a este novo padrão. A emergência desse “novo fascismo”, impulsionado pelos meios de comunicação e informação sinalizou modelos de obediência e conformismo.

Desse modo, caberia transformar as diferenças culturais em uma cultura de massa e de imperativos da sociedade de consumo, provocando um nivelamento totalitário, homogeneizante do mundo, um verdadeiro “genocídio cultural”, nos dizeres de Pasolini.

Apesar da crítica do cineasta datarem de 1960, aproximadamente, seus textos não poderiam retratar melhor a crise do paradigma moderno que hoje se vive, a partir do esfacelamento de uma razão instrumental, mecânica, que tudo objetifica, absolutiza e esvazia de valor ético-cultural. À medida que flui a leitura da sua obra, o leitor sente experienciar fatos do passado que se entrelaçam no presente, tamanha atualidade do pensamento pasoliniano no cotidiano pós-moderno.

Os textos do autor esclarecem que o imaginário social, a consciência coletiva de uma sociedade, especialmente a italiana, foi profunda, moldada segundo os ditames do capitalismo e do modelo consumerista de vida. Os meios de comunicação de massa propagavam os ideais burgueses para o povo, promovendo uma assimilação de valores pela classe subalterna. Os produtos sugeridos por esses instrumentos culturais estimulavam o consumo e promoviam uma assustadora alienação, em detrimento da reflexão, da crítica e da filosofia.

Neste cenário, observa-se a degradação antropológica dos italianos, respaldados pela cultura de massa e dos meios de comunicação de massa, o que se correspondia pela estupidez delituosa da televisão: este foi o caminho traumático e opressivo de uma sociedade escandalizada nas páginas escritas por Pasolini.

Evidente o caráter polêmico e revolucionário do autor, com discurso de resistência ao mundo do capitalismo avançado, crítico ácido da cultura de seu país. Contudo, apesar da reflexão vanguardista de Pasolini, os movimentos e lutas sociais não obtiveram o êxito desejado, e as mudanças culturais marcadas pela homogeneização consumerista mascaravam uma nova globalização que invadia a sociedade pelo capitalismo.

Ainda assim, a voz crítica de Pasolini ecoou na Itália, como males antagônicos de uma sociedade burguesa católica, infestada por valores mascarados diante de uma estética sem ética, sem moral e com uma evolução da sociedade direcionada a um esvaziamento cultural.

Pasolini, visionário para o seu tempo, foi um defensor das mudanças éticas, sociopolíticas, jurídicas e culturais necessárias para que se possa viver uma vida cada vez mais próxima do ideal de justiça. O autor retrata a antítese da sociedade burguesa que até hoje dá sentido aos questionamentos culturais do mundo. As crises que se verificam no cenário mundial são um retrato das fracassadas promessas do racionalismo, do antropocentrismo, do capitalismo e da modernidade.

Em todos os aspectos, urge-se por uma refundação do sentido dos artifícios humanos e dos sistemas humanos (em referência a teoria luhmanniana), para que estes possam retomar e preservar sua autonomia, preservando a sensibilidade para a influência de fatores externo. Ciente desse cenário e da necessidade de transformação, a reflexão de Pasolini é o ponto de partida para a crítica e a análise de um modelo de desenvolvimento que não está atento a crise humanística e axiológica, bem como à finitude dos elementos naturais que integram a casa comum chamada Planeta Terra.

## **2 O MUNDO LÍQUIDO PÓS MODERNO: O QUE BAUMAN TEM A DIZER**

Numa análise da vida e obra de Zygmunt Bauman, observa-se que, neste espaço de tempo, a interrogação que lhe acomete é sobre quem pode mudar a realidade de um mundo onde a esperança está à deriva. Ao denunciar a fragilidade e a “fluidez” das relações humanas (2001, p. 07), o sociólogo nos faz pensar sobre a exacerbação do “eu” em que as sociedades foram individualizadas, em detrimento do sentido de coletividade.

Na crítica do autor e na mesma linha de pensamento de Pasolini, a busca por uma identidade que se encaixe nos padrões sociais indica o fundamento das escolhas e dos comportamentos, e por isso, seres humanos tornam-se reféns da autoimagem, ao passar da prática do consumo para o consumismo (2008, p. 38). Recriar a identidade, muitas vezes, é tarefa para a vida inteira, pois as formas atraentes e tentadoras de viver mudam inúmeras vezes transformando o "ser" menos valorizado do que a ânsia de se manter em constante adaptação às demandas que vêm de fora.

Bauman acredita na possibilidade de mudança (2010, p. 87), e suas lições sinalizam para a formulação de uma nova consciência, que seja capaz de aglutinar interesses comuns numa sociedade tão multifacetada. Um destes elementos de aproximação e convergência é a ética e o meio ambiente.

A ideia de liquidez, em que neste tempo, tudo parece “escorrer pelos dedos”, sem edificações sólidas de sentimentos, relacionamentos e ideologias, Bauman esclarece que, em relação ao consumo, deve-se fomentar uma nova forma de percepção e orientação de modos de agir, que efetive o agir de forma sustentável<sup>5</sup>. Para o autor, o atual momento histórico vivido é caracterizado nas seguintes palavras:

[...] os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluídos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluídos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas por um momento. Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa (2001, p. 08)

Líquidos mudam de forma muito rapidamente, sob a menor pressão, e são incapazes de manter a mesma forma por muito tempo: no atual estágio da modernidade são deliberadamente impedidos de se solidificarem. A temperatura elevada, ou seja, o impulso de transgredir, substituir e acelerar a circulação de mercadorias rentáveis, não

---

<sup>5</sup> Para Pellenz, a busca de novos horizontes, o cidadão é fundamental na construção de uma Sociedade sustentável. É o ator social responsável pelo seu próprio desenvolvimento, pela sua evolução, pelos rumos e pelo destino de sua espécie. PELLENZ, Mayara. **Metamorfoses da Cidadania**. Erechim: Editora Deviant, 2017, p. 32.



confere ao fluxo uma oportunidade de abrandar, nem o tempo necessário para condensar e solidificar-se em formas estáveis, com uma maior expectativa de vida.

A Modernidade Líquida possui uma estrutura sistêmica inalcançável e inquestionável, ao mesmo tempo em que o cenário do cotidiano, as relações familiares e amorosas, emprego e cidade é fluído e não estruturado. Deste modo, experimenta-se uma fragmentação entre a ação humana transformadora e a ordem como um todo. O mais interessante é que este mundo evidentemente distópico, onde o futuro é catástrofe e incerteza que força mudanças individuais, onde a ordem é rígida, não é obra de uma tirania, mas o artefato e o sentimento da liberdade dos agentes humanos.

Essa Modernidade é caracterizada pelo abismo entre o direito à autoafirmação individual e a capacidade de controlar as situações sociais que podem tornar essa liberdade factível. Em uma condição de incerteza quanto aos méritos relativos e vícios do número infinito de propostas concorrentes, as pessoas tendem a se orientar por aquilo que os outros ao seu redor fazem. Por exemplo, em uma livraria, seleciona-se um livro que esteja atualmente na lista dos mais vendidos, para se ter base de discussão social.

Esse cenário provoca a massificação e a padronização, que já impunha seu domínio na mídia televisiva italiana em 1960, fenômeno que foi duramente criticado por Pasolini nos seus escritos “corsários”. Não por outro motivo que a homogeneização das massas é objeto de crítica de filósofos nos mais diversos tempos históricos. No Direito, a crítica também se concretiza, pois, a pluralidade de ideias e modos de ser enriquece o contexto social<sup>6</sup>. Para Wolkmer (2001, p. 232): no momento presente:

O processo de ruptura e afirmação de paradigmas delineados por formas autônomas de vida heterogênea e modalidades alternativas de regulação social conduz à busca de novos parâmetros de fundamentação e de verdade.

Diversidades, nesse sentido, são capazes de superar os velhos pré-conceitos e oportunizar espaço de voz e vez ao diferente, ao plural e ao marginalizado, que, muitas vezes, só são possíveis em determinados grupos sociais, em espaços restritos. Novas

---

<sup>6</sup> Em complemento, Wolkmer explica que o “[...] o “novo”, enquanto portador do futuro, não está mais numa totalidade universalista constituída por sujeitos soberanos, centralizados e previamente arquitetados, mas no espaço de subjetividades cotidianas composta por uma pluralidade concreta de sujeitos diferentes e heterogêneos”. Wolkmer, Carlos Antonio. **Pluralismo jurídico**. Fundamentos de uma nova cultura no Direito. 3ª edição rev. e atual. Editora Alfa Omega, São Paulo, 2001, p. 236.

fundamentações e verdades, por exemplo, podem ser visualizadas nos códigos de condutas nas comunidades mais afastadas dos centros urbanos: em morros cariocas, existem normas de condutas sociais onde o Estado não interfere, e mesmo assim, seu caráter é legítimo e incorporado por aqueles que ali (con) vivem. Embora essa não seja a melhor forma de se concretizar um pluralismo, Wolkmer explica que:

À medida que a sociedade é vista como um sistema necessariamente conflituoso, tenso e em permanente transformação, toda e qualquer análise passa a ser considerada válida apenas se for capaz de identificar os fatores de mudança responsáveis pela contínua inadequação dos modelos culturais tradicionais – entre eles, o Direito. (2001, p.233)

Em relação a ética, Bauman explica que seu eixo central de discussão não perdeu nada de sua força com o passar do tempo. Contudo, são temas que precisam ser revistos diante das novas configurações sociais. Na sociedade pós-moderna, abandonou-se e rompeu-se com a ética, o que, contudo, não isenta de assumir a responsabilidade moral pelos atos, ou pela falta deles. Estamos desamparados e desprotegidos, pois o indivíduo busca incessantemente prazeres individuais, em um coletor de sensações, e, para evitar assumir responsabilidades morais pelo Outro, “superficializaram-se” as relações interpessoais. Para Bauman

A busca por prazeres individuais articulada pelas mercadorias oferecidas hoje em dia, uma busca guiada e a todo tempo redirecionada e reorientada por campanhas publicitárias sucessivas, fornece o único substituto aceitável – na verdade, bastante necessitado e bem-vindo – para a edificante solidariedade dos colegas de trabalho e para o ardente calor humano de cuidar e ser cuidado pelos mais próximos e queridos, tanto no lar como na vizinhança (2008, p. 154).

Muito embora isso não torne a vida moral mais fácil, pode-se ao menos sonhar em torná-la um pouco mais ética. A ética, nesta pesquisa, deve ser vivenciada no plano pessoal e social, e para isso devem ser aplicadas normas de condutas dignas no plano de ações diárias dos seres humanos. Nesse sentido, Bauman refere que (1997, p. 19) “deve-se reter que a responsabilidade moral - sendo *para* o Outro antes de poder ser *com* o Outro - é a primeira realidade do eu, ponto de partida antes que produto da sociedade”, pois, é agindo eticamente que as ações serão mais humanas. O pensar “para o Outro”, significa constituir modos de vida mais significativos, o que denota o sentido de responsabilidade.

Bauman aduz que (2011a, p. 32) “se não houver essa força e essa autoridade, os seres humanos estarão abandonados ao seu próprio juízo e à sua própria vontade”.

Segundo o autor (2008, p. 189), a oferta de liberdades individuais de escolha, a velocidade de sua compreensão jamais obtida anteriormente na história, remete a um estado de incerteza. A falta de confiança nas autoridades e nas normas éticas apresentadas, bem como a dificuldade de saber onde encontrar preditas normas, é elemento chave na instauração de uma crise moral pós-moderna, pois esse fundamento nuclear dos fenômenos éticos não consegue ser exaurido no contexto de normas precisas e calculáveis.

No tocante a moral, esclarece Bauman que (2011a, p. 33), diante do abismo atravessado apenas por uma frágil prancha feita por convenções, ela pode apenas ser uma moral eticamente infundada. A moral é a única autoridade capaz de orientar os seres humanos para a compreensão de si, pois flui na incerteza do desejo. Aquino, explica que

Por esse motivo, Bauman denominou a Ética na Pós-Modernidade como a “Era da Moral”. Esse fundamento nuclear dos fenômenos éticos não consegue ser exaurido dentro de normas precisas e calculáveis. A Moral, para o referido autor, não pode ser demonstrada tampouco logicamente deduzida. A mencionada categoria é contingente, ambivalente, incontível. É a única autoridade capaz de orientar os seres humanos para a compreensão de si, pois flui na incerteza do desejo (2011, p. 41).

O agir moral significa fazer escolhas baseadas na incerteza, pois para Aquino (2011, p. 44) o desafio da pós-modernidade é fundar uma condição moral de vida na qual cada pessoa se torna, de modo incondicional, responsável pelo outro, onde a decisão sobre a nossa condição moral não pertence ao ambiente público ou privado, mas a cada pessoa. Assim, as ações morais existem no contexto social, e por esse motivo, qualquer atitude é uma escolha moral, e envolve um juízo de preferência na qual não precisa ser fundamentado pela razão lógica. Lévinas entende que

[...] O homem enquanto Outrem chega-nos de fora, separado - ou santo - rosto. A sua exterioridade - quer dizer, o seu apelo a mim - é a sua verdade. A minha resposta não se junta a um 'núcleo' da sua objectividade como acidente, mas produz apenas a sua verdade (que o seu 'ponto de vista' sobre mim não poderá abolir). [...] O frente a frente - relação última e irredutível que nenhum conceito pode abranger sem que o pensador que pensa tal conceito se encontre de

imediate em face de um novo interlocutor - torna possível o pluralismo da sociedade (2000, p. 271)

Nesse viés, ética e a moral se complementam, e a estrada que lhes ampara é a responsabilidade que se inova e reinventa na relação infinita do “Eu” e o “Outro”. Para se formatar a ética pós-moderna é necessário se ater a relação entre as pessoas, que de acordo com os sentimentos de uns para com os outros, justificam os agires pela responsabilidade moral.

Em razão dessa responsabilidade de todos para com todos, o agir deve ser de forma a atuar na sociedade como seres sociais, diante da liquidez dos valores, de forma a preocupar-se com o todo, numa visão holística e interdependente, e com os recursos sustentáveis, a fim de considerar a interação entre os seres humanos e entre, também as futuras gerações<sup>7</sup>. Noutros tempos, essa era a ideia que o Pasolini pretendia disseminar ao criticar a sociedade massiva e padronizada, com cada vez mais consumo e cada vez menos, sensações.

O adensamento do consumo, como fenômeno que regula as ações sociais, políticas e cotidianas, estabelece o sujeito como mercadoria, empreendendo as relações a partir do consumo. Bauman sustenta que a “subjetividade” do sujeito concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar uma mercadoria vendável (2008, p. 20).

Pelo sentido e reação que produz, Bauman buscou um termo que não diz apenas o que essa condição deixou de ser, mas também que qualidade adquiriu, que, por conseguinte, exige uma nova perspectiva e uma nova agenda para estudos sociais e culturais. As benesses do desenvolvimento e do processo civilizatório são inegáveis mas os limites morais, éticos, ambientais, físicos e políticos acabaram sendo extrapolados em nome do progresso – categoria presente na Bandeira da República Federativa do Brasil. O progresso hoje significa uma constante ameaça de sair de um vagão de trem em andamento, de não estar atualizado com a nova moda ou de não abandonar rapidamente habilidades e hábitos ultrapassados e de falhar ao desenvolver as novas habilidades e

---

<sup>7</sup> Nesse sentido, Pellenz ressalta que em comunidade, especialmente em nível local, é possível a definição de estratégias para o futuro, o debate nas tomadas de decisões sobre a questão ambiental, a eleição de representantes, a escolha das prioridades e de metas, a reflexão sobre os modelos de consumo, a organização de uma agenda ecológica, a promoção ao acesso as informações e a mecanismos de atividades, dentre outros. PELLENZ, Mayara. **Metamorfoses da Cidadania**. Erechim: Editora Deviant, 2017, p. 32.

hábitos que os substituem. E, mesmo humanos, a falha não é admitida. A pós-modernidade sustenta uma condição de sucesso e êxito, a todo tempo.

Além disso, ocupa-se um mundo pautado pelo “agora”, que promete satisfações imediatas e ridiculariza todos os atrasos e esforços a longo prazo. Neste mundo, os episódios e momentos são breves e imediatos, não há espaço para a preocupação com o “futuro”. Os jovens percebem, razoavelmente cedo, que há tanto significado na vida quando conseguem adicionar outras perspectivas por meio de redes, que são interligadas, mas também descosturadas e remendadas por meio de conexões e desconexões.

As redes sociais eram atividades de difícil implementação entre as comunidades do passado e, de algum modo, continuam dentro do mundo *off-line*. No mundo interligado, porém, as interações sociais ganharam a aparência de brinquedo de crianças rápidas. Não parece haver esforço na parcela *on-line*, virtual, de nossa experiência de vida. Hoje, assistimos à tendência de adaptar nossas interações na vida real (*off-line*), como se imitássemos o padrão de conforto que se experimenta quando se está no mundo *on-line* da internet. Bauman sintetiza bem essa situação. Para Bauman:

As relações virtuais contam com teclas de “excluir” e “remover spams” que protegem contra as consequências inconvenientes (e principalmente consumidoras de tempo) da interação mais profunda. [...] Em sua versão eletrônica, é a quantidade de conexões, e não sua qualidade, que faz toda a diferença para as chances de sucesso ou de fracasso (2011b, p. 16 e 17)

As relações e os contatos *online* têm uma vantagem sobre os *offline*: são mais fáceis e menos arriscados, o que muitos acham atraente. Pois torna mais fácil se conectar e se desconectar, arbitrariamente pode simplesmente desligar, sem necessidade de explicações complexas, desculpas, censuras ou culpa. Fácil, e rápido, mas não sem custo. Entre as perdas estão as habilidades necessárias para estabelecer relações de confiança com outras pessoas. Relações cujos encantos não serão conhecidos a menos que se pratique e se vivencie. Sobre os mundos, refere o autor

O mundo *on-line*, por outro lado, cria uma multiplicação infinita de possibilidades de contatos plausíveis e factíveis. Ele faz isso reduzindo a duração desses contatos e, por conseguinte, enfraquecendo os laços, muitas vezes impondo o tempo – em flagrante oposição à sua contrapartida *off-line*, que, como é sabido, se apoia no esforço continuado de fortalecer os vínculos, limitando severamente o número de contatos à medida que eles se ampliam e se aprofundam. [...] Emily Dubberley, autora de *Brief Encounters: The Women’s Guide to Casual Sex*, escreveu que, em nossos dias, obter sexo “é

como encomendar uma pizza. ... Agora você pode conectar-se à internet e encomendar genitália”. Não há mais necessidade de flertar ou fazer a corte, não é preciso empenhar todas as energias para obter a aprovação do parceiro(a), nem mover mundos e fundos para merecer e conquistar o consentimento do outro (2011, p. 21)

Aos jovens, como promessa de futuro, cabe consertar os problemas causados no último século. Se forem capazes de pôr isso em prática, dependerá da imaginação e da determinação. Devem resistir às pressões da fragmentação e recuperar a consciência da responsabilidade compartilhada para o futuro do planeta e seus habitantes, e dessa forma, agir de maneira sustentável, substituindo o mundo virtual pelo real.

### **3 SOCIEDADE LÍQUIDA E CONSUMO: RESSIGNIFICAÇÕES A PARTIR DE BAUMAN E PASOLINI**

As relações humanas, a partir da ótica do mercado consumidor, também estão mercantilizadas, coisificadas e valoradas. Os indivíduos pós-modernos, adeptos aos relacionamentos *on-line*, perdem sua capacidade autêntica e espontânea de socialização. No entendimento de Bauman (2008, p. 71), tão logo aprendem a ler, ou talvez bem antes, a “dependência das compras” se estabelece nas crianças: “[...] Numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação”

Nos dias atuais, as relações sociais passam a ser mediadas pelo consumo, este, não necessariamente de produtos, mas de hábitos, valores e aparências, sob o culto do “você é o que parece ser”. Os indivíduos, a partir da exposição aos padrões impostos pelo mercado, passam inconscientemente a portarem-se como objetos de consumo.

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito antes de se tornar mercadoria, seja pela posse de objetos de consumo desejáveis, ou pela sua própria transformação em padrões socialmente mais aceitos e destacáveis. A valorização excessiva do corpo e a cultura imediatista que impera sob o medo de tornar-se obsoleto e ser posto à margem da sociedade de consumidores, transpõe a razão dos indivíduos que buscam incessantemente meios de livrar-se de todo o mal-estar e insatisfação, provocados por tudo o que é visto como ultrapassado pelos demais. A saída, segundo Bauman pode ser sintetizada nestas palavras (2011c, p. 133):

A consequência disso é a única habilidade que eu preciso adquirir e exercer é a flexibilidade – a competência para se livrar depressa das aptidões inúteis, de esquecer logo e se desfazer logo dos recursos do passado, que se transformam em deficiências, de mudar de conduta e de caminho depressa e sem pesar, e de evitar juramentos de lealdade vitalícia a qualquer coisa ou pessoa.

A sociedade de consumidores estipula a constante promoção de novas “necessidades”, para uma remodelação de desejos através da fabricação de novos produtos. Diante de uma sociedade de consumo excessivo, a necessidade de mobilidade e visibilidade é cada vez maior, deflagrando uma constante reformulação das identidades como formas de assegurar os princípios de inclusão/exclusão elaborados pelo mercado. Assim, o imaginário que configura essa sociedade é a descrença na orientação para o futuro, retirando do adiamento da satisfação seu antigo sentido de prudência, e, acima de tudo, razoabilidade. É o tempo presente que orienta a arquitetura comportamental dos consumidores.

O que vigora como valor é o motivo por meio do qual essa promessa não se confirma, já que o fascínio perdura apenas na ansiedade pela satisfação e, portanto, para cada vontade adquirida, implica a criação de uma nova. Desse modo, a formulação do desejo se relaciona a uma economia de mercado que se sustenta pela promoção, desvalorização e criação de novos anseios.

Em suma, as lições de Bauman são sustentadas na ideia de liquidez das relações humanas, tendo como fundamentação a efemeridade e a futilidade cultuadas por uma civilização escrava da tecnologia, do produto e do consumo, pois vive-se em um tempo de incerteza e insegurança, que repercute nos âmbitos do conhecimento, da cultura, da economia e das relações.

Na busca por uma aproximação da liberdade líquida até então mencionada com a sustentabilidade, verifica-se que o modo de viver sustentável representa um antídoto ao caráter líquido da modernidade. Sustentar contraria a lógica pós-moderna: é manter, tornar perene, permanente, ou seja, oferecer estabilidade. A Sustentabilidade deve ser vista do ponto de vista<sup>8</sup> da sociedade, da economia e do meio ambiente. A incorporação de novas práticas e políticas no processo da sustentabilidade deve se basear na mesma lógica que a forjou: a do capital. Nesse sentido Arizio (2017, p.109), destaca:

---

<sup>8</sup> Para além do Ambiental, e suas implicações ecológicas evidentes.

Importante ressaltar que todo o processo de lutas tem um significado muito mais profundo, ao aceitar a matriz originária que enriquece culturalmente e supera todas as práticas que foram cultivadas pelos poderes coloniais e oligárquicos. Trata-se de um renovado processo de descolonização do poder. Uma emancipação do capitalismo, caracterizado pela dominação discriminação racista e de exploração econômica(...) essa inovação traz uma proposta de sustentabilidade.

Outrora, com base em um viés ambiental ou natural, agora em condições imateriais que se configura a noção de Sustentabilidade líquida, que flexibiliza as relações entre sociedade e natureza, mediadas pelo consumo (capital) como estratégia de construção de um mundo (vida) melhor, tornando capitalizável o que não era capital, segundo a metamorfose da concepção de um capitalismo exacerbado. Nesta ótica, os sistemas midiáticos-culturais são como sustentáculos de sua reprodução (2010, p. 36):

Se o mundo habitado por consumidores se transformou num grande magazine onde se vende "tudo aquilo de que você precisa e com que pode sonhar", a cultura parece ter se transformado atualmente em mais um de seus departamentos. Como nos outros, suas prateleiras estão lotadas de mercadorias renovadas diariamente, e as caixas são decoradas com anúncios de novas ofertas destinadas a desaparecer depressa, como as mercadorias que anunciam. Tanto as mercadorias quanto os anúncios publicitários são pensados para suscitar desejos e físgar vontades (para "impacto máximo e obsolescência instantânea", citando a famosa máxima de George Steiner)

Esse é o desafio: a mobilidade do capital e a produção de novos desejos implicam na utopia de sua reinvenção, renovação e reinstrumentalização como política de devir, na produção incessante de novos valores e desejos, na busca de novos hospedeiros, na criação contínua de mercados autênticos e na produção de novos modos de ser como forma para sua sobrevivência.

As relações entre natureza, capital e consumo são articuladas dentro da estratégia da sustentabilidade líquida na captura de novos valores e criação de novos mercados, na produção fluída e imaterial de ideias que todos os atores sociais vendem e consomem. É essa condição de promotora de redes de sustentação e das alternativas para o viver humano, envolvendo a tecnologia, o afeto, o conhecimento, além de tantos outros ingredientes, que coloca a sustentabilidade na ordem do dia e inspira-nos a confiar em dias melhores.



Dessa forma, indaga-se: é possível conciliar uma sociedade de indivíduos autônomos, ao mesmo tempo globalizada e consumista trazida por Bauman ao pensamento de sustentabilidade? Entende que sim. Por meio de atos individuais, ao ser acrescido de milhares de replicações, produzirá uma soma coletiva de ações e consequências visando à sustentabilidade. Assim, acredita-se em uma resposta positiva a questão anteriormente apresentada. Algo está sendo feito, mesmo que, até agora, não seja suficiente para cortar um nó firmemente amarrado por décadas, senão séculos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pequenos passos, talvez, sopros não fortes o suficiente para romper a armadura da cultura do consumo, mas a escolha é, afinal, entre erguer paredes de pedra e aço ou o desmantelamento de crenças espirituais. A sustentabilidade líquida, deve ser reconhecida, mas não só como forma de opção de consumo, mas de percepção e orientação de modos de agir, diante da liquidez da sociedade e da efluência necessária de agir de forma sustentável.

O sentido que mais importa ressaltar para bem compreender o conceito nuclear da obra de Bauman é de ordem conotativa patente no caráter metafórico do conceito, e suas conexões entre diversos problemas ambientais, econômicos e sociais. É um alerta para acreditarmos na urgência em criarmos um mundo mais sustentável e justo, numa sociedade líquida, ou seja, em que os comportamentos, as relações, as referências, segundo Bauman, tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desregulados, flexíveis.

E assumir uma postura sustentável, de preservação, de contenção, choca-se drasticamente com esse pensamento. Entretanto, é isso justamente que temos que discutir e repensar diante da liquidez das relações e da perenidade da Sustentabilidade. A meu ver, se o centro da teoria de Bauman é a liquidez no mundo moderno, uma das maneiras que temos de complexificar seu pensamento diante do que interpretamos como cultura do consumo é a aplicação de seus conceitos em objetos empíricos que obrigam a olhar para o lugar do consumidor.

Dessa maneira, pode-se ter uma visão mais complexa de um processo cultural, pois, ainda que a teoria de Bauman seja importante como desmascaramento de um modo de organização social, a forma como as pessoas fazem uso não só dos produtos, mas

PELLENZ, Mayara. ARIZIO, Silvia Helena. Sociedade de Consumo e pós modernidade: uma leitura a partir de Bauman e Pasolini. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito do Centro Universitário UniOpet. Curitiba-PR. Ano XII, n. 20, jan-jun/2019. ISSN 2175-7119.

também do que se arquiteta como sentido no mundo do consumo permite aprofundar outros modos de organização, indicando que as disputas por significação é parte constituinte do arenoso terreno da cultura.

Enquanto Londres produz em um ano lixo equivalente a quatro vezes a extensão do seu território, e Nápoles na Itália, em determinada época atual, possui 2.000 toneladas de lixo abarrotadas nas ruas da cidade, por falta de capacidade de recolher, destinar e reciclar o lixo, a cidade de Borås, na Suécia, reaproveita 99% do lixo produzido, e apenas 1% não tem serventia alguma e vai para o aterro. Por causa do lixo que é transformado em energia, os moradores pagam até 50% a menos na conta de luz e o transporte público sai 20% mais barato.

Conscientização que começa em casa, onde o lixo é dividido, os resíduos são separados em orgânicos, nos sacos pretos, e inflamáveis, em sacos brancos, o orgânico vira biogás e o lixo inflamável alimenta as caldeiras de termoeletricas, que produzem eletricidade.

Logo, algumas medidas a serem implementadas a fim de se produzir uma sustentabilidade não líquida, é conscientizar as pessoas de que o crescimento econômico tem limites; convencer os capitalistas a distribuir lucros não apenas segundo critérios financeiros, mas em função dos benefícios sociais e ambientais; Mudar a lógica social dos governos, para que os cidadãos enriqueçam suas existências por outros meios, que não só o material. Como se vê, a economia terá de se apoiar numa coexistência humana organizada, para além dos interesses puramente individuais.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Sérgio Ricardo Fernandes de. **Ética e moral no pensamento de Bauman**. In: Cadernos Zygmunt Bauman ISSN 2236-4099, v 1, n. 2 (2011).

\_\_\_\_\_. **O Direito em busca de sua humanidade: diálogos errantes**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

\_\_\_\_\_. **Construção sustentável da UNASUL por meio da entropia e hermenêutica heterorreflexiva**. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v. 8, n.º 3, 3º quadrimestre de 2013. Disponível em: [www.univali.br/direitoepolitica](http://www.univali.br/direitoepolitica). Acesso em: 01 mar. 2017.

PELLENZ, Mayara. ARIZIO, Silvia Helena. Sociedade de Consumo e pós modernidade: uma leitura a partir de Bauman e Pasolini. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito do Centro Universitário UniOpet. Curitiba-PR. Ano XII, n. 20, jan-jun/2019. ISSN 2175-7119.

\_\_\_\_\_. **A ideia de Justiça na Filosofia Andina.** Disponível em: <emporiododireito.com.br/a-ideia-de-justica-na-filosofia-andina-por-sérgio-ricardo-fernandes-de-aquino/>. Acesso em: 30 mai. 2015.

\_\_\_\_\_. **Sustentabilidade, Direito e Filosofia Andina.** Disponível em: <emporiododireito.com.br/sustentabilidade-direito-e-filosofia-andina-2/>. Acesso em: 30 mai. 2017.

ARIZIO, Silvia Helena. **Manifesto para uma justiça ecológica: sua importância acerca dos direitos das águas.** Erechim: Editora Deviant, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo:** a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **Bauman sobre Bauman:** diálogos com Keith Tester. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011d.

\_\_\_\_\_. **Ética pós-moderna.** Trad. de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e holocausto.** Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo parasitário:** e outros temas contemporâneos. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. **A vida em fragmentos:** sobre a ética pós-moderna. Trad. de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Vigilância líquida.** Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **44 cartas do mundo líquido moderno.** Trad. de Vera Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011b.

\_\_\_\_\_. **A Ética é possível num mundo de consumidores?** Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011c.

BITTAR, Eduardo C. B. **O direito na pós-modernidade:** e reflexões frankfurtianas. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

BOFF, Leonardo. **Ética da vida:** a nova centralidade. Rio de Janeiro: Record, 2009.

CADEMATORI, Daniela Mesquita Leutchuk, Germana de Oliveira; CESAR, Raquel Coelho Lenz; CADEMATORI, Sérgio Urquhart. **A construção jurídica da UNASUL.** Florianópolis: Editora da UFSC; Fundação Boiteux, 2011.

PELLENZ, Mayara. ARIZIO, Silvia Helena. Sociedade de Consumo e pós modernidade: uma leitura a partir de Bauman e Pasolini. In: Revista Eletrônica do Curso de Direito do Centro Universitário UniOpet. Curitiba-PR. Ano XII, n. 20, jan-jun/2019. ISSN 2175-7119.

CAZZARO, Kleber; GRADOS, Guido Cesar Aguila; STAFFEN, Márcio Ricardo. **Constitucionalismo em mutação**. Reflexões sobre as influências do neoconstitucionalismo e da globalização jurídica. Blumenau: Nova Letra, 2013.

FERRAJOLI, Luigi; STRECK, Lenio; TRINDADE, André Karam (Orgs.). **Garantismo, hermenêutica e (neo)constitucionalismo**: um debate com Luigi Ferrajoli. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2013.

HUANACUNI, Fernando. **Buen vivir/ Vivir bien**: Filosofia, políticas, estratégias y experiencias regionales andinas. Peru: CAIO, 2010.

LANDA ARROYO, César. Tribunales constitucionales latinoamericanos y perspectivas actuales. In: **Hacia la construcción del Tribunal Constitucional Plurinacional**. Perú: Editorial presencia, 2010.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2000.

PASOLINI, Pier Paolo. **Escritos Corsários, Cartas Luteranas** – uma antologia. Tradução: José Colaço Barreiros. Torino: Assírio & Alvim, 2006.

PELLENZ, Mayara. **Metamorfozes da Cidadania**. Erechim: Editora Deviant, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 15ª Ed. Porto: Afrontamento, 2007.

SEN, Amartya. **Sobre Ética e Economia**. São Paulo. Companhia das Letras: 2002.

WOLKMER, Carlos Antonio. **Pluralismo jurídico**. Fundamentos de uma nova cultura no Direito. 3ª edição rev. e atual. Editora Alfa Omega, São Paulo, 2001.